

RIOS QUE SECAM, MEMÓRIAS QUE RESISTEM: O CASO DO ITAUEIRA EM FLORIANO-PI

Áquila Soares de OLIVEIRA¹

Damiana da Silva PEREIRA²

Anderson Felipe Leite dos SANTOS³

RESUMO

O rio Itaueira, localizado no sul do Piauí, sempre desempenhou um papel essencial para as comunidades rurais da região, sendo fonte de água, alimento e práticas agrícolas tradicionais. Atualmente, seu leito encontra-se seco, restando apenas poucas nascentes ativas, como a da comunidade Brejo, que ainda sacia a sede de animais e mantém cultivos de subsistência. O objetivo desta pesquisa foi analisar a importância da nascente Brejo e registrar as memórias e saberes dos moradores locais sobre as transformações ambientais ocorridas ao longo do tempo. Para isso, adotou-se uma metodologia qualitativa, do tipo estudo de caso, baseada em observação direta, registro fotográfico e entrevistas semiestruturadas. Os resultados evidenciaram profundas mudanças no regime hídrico do rio, relacionadas tanto à diminuição das chuvas quanto às intervenções humanas, como a construção de barragens e o avanço das queimadas. Apesar disso, a nascente do Brejo resiste, sustentando as práticas agrícolas, a sobrevivência animal e a preservação de conhecimentos tradicionais transmitidos entre gerações.

Palavras-chave: agricultura; Caatinga; conhecimento tradicional; mudanças ambientais; nascentes.

ABSTRACT

The Itaueira River, located in southern Piauí, has always played an essential role for the region's rural communities, providing water, food, and traditional agricultural practices. Currently, its riverbed is dry, leaving only a few active springs, such as the one in the Brejo community, which still quenches the thirst of animals and sustains subsistence farming. The objective of this research was to analyze the importance of the Brejo spring and to record the memories and knowledge of local residents about the environmental transformations that have occurred over time. To this end, a qualitative case study methodology was adopted, based on direct observation, photographic records, and semi-structured interviews. The results revealed profound changes in the river's water regime, related both to decreased rainfall and to human interventions, such as the construction of dams and the spread of wildfires. Despite this, the Brejo spring resists, sustaining agricultural practices, animal survival, and the preservation of traditional knowledge passed down through generations.

Keywords: agriculture; Caatinga; traditional knowledge; environmental changes; springs.

INTRODUÇÃO

¹ Graduando de Geografia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí - UFPI

³ Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP e professor de Geografia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI

O rio Itaueira está situado no sul do estado do Piauí e desempenha papel fundamental para a dinâmica socioambiental do município de Floriano e de outras localidades do semiárido piauiense. Trata-se de um curso d'água intermitente, cuja bacia hidrográfica “ocupa uma área de aproximadamente 10.122,4 km², que representa 3,8% da área total do Estado” (Dias; Aquino; Santos, 2020, p. 267), estendendo-se por cerca de 290 km desde sua nascente, no município de Guaribas, até a foz no rio Parnaíba. Além disso, historicamente, suas margens foram utilizadas para cultivo agrícola, criação de animais e abastecimento das comunidades rurais, tornando-se um elemento essencial tanto para a economia local quanto para a manutenção da biodiversidade característica da Caatinga.

Destaca-se que o Itaueira apresenta períodos de fluxo e de seca ao longo do ano, característica comum aos rios da região da Caatinga. O período de chuvas ocorre, geralmente, entre os meses de dezembro e maio, quando o rio ganha volume e volta a correr, enquanto a estiagem predomina de junho a novembro, deixando seu leito quase sempre seco. Sua presença, mesmo temporária, continua sendo determinante para o abastecimento de comunidades rurais, a manutenção da biodiversidade e o desenvolvimento de práticas agrícolas e pecuárias.

A Caatinga, bioma exclusivamente brasileiro, caracteriza-se por alta variabilidade climática, chuvas irregulares e períodos prolongados de estiagem, o que torna seus recursos hídricos especialmente vulneráveis (Sirvinskas, 2005). Nesse contexto, rios intermitentes como o Itaueira enfrentam desafios crescentes para manter o equilíbrio ecológico e atender às demandas humanas e animais. Assim, a diminuição da vazão, a ocorrência de secas mais intensas e frequentes, somadas à pressão de atividades humanas, têm transformado a dinâmica hídrica da região. Cavalcante e Arruda (2008, p. 29), afirmam que no Semiárido Nordeste,

[...] o regime de chuvas é caracterizado por períodos longos de estiagem com secas devastadoras que provocam a “hibernação” das plantas e a morte dos animais. A falta de água faz com que a população rural e das pequenas cidades fiquem submetidas a condições de extrema dificuldade.

Inserida nesse cenário, a comunidade rural Brejo, próxima à cidade de Floriano, representa um espaço de forte ligação entre os moradores e o rio. Vale destacar que, mesmo durante a estiagem, a localidade abriga uma pequena nascente conhecida como “Nascente do Brejo” que resiste à seca e garante água para a dessedentação animal. A relação das famílias com esse recurso remonta a décadas, quando o Itaueira apresentava um regime de águas mais estável, permitindo cultivos agrícolas e fornecendo água para uso doméstico.

Diante do posto, o objetivo central deste estudo é analisar a importância da nascente do Brejo e compreender as transformações ambientais ocorridas ao longo do tempo, a partir da memória social e dos saberes tradicionais dos moradores. Assim, por meio de observação direta, registro fotográfico e entrevistas com pessoas que viveram as diferentes fases do rio, busca-se documentar as mudanças na paisagem e no regime hídrico, bem como valorizar o conhecimento local como instrumento de preservação ambiental e cultural.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A compreensão das questões ambientais, especialmente no contexto dos recursos hídricos, demanda um olhar amplo que considere tanto as dimensões naturais quanto as sociais. Nesse sentido, Nascimento (2013, p. 84) afirma que,

[...] os recursos hídricos devem ser estudados em um contexto amplo de planejamento e gestão ambiental, atinando a bacia hidrográfica como unidade físico-territorial para que possam ser mais bem entendidos no domínio ciclo hidrológico como elemento fundamental à vida ou como recurso natural nas mais variadas etimologias da relação sociedade x natureza.

Dessa forma, essa perspectiva destaca a importância de compreender o funcionamento integrado dos sistemas naturais e das ações humanas para promover a conservação das águas e o uso sustentável. Além disso, o autor ressalta que “a água, recurso natural renovável, porém exaurível, é impactada por ações socioeconômicas que lhe conferem degradabilidade, reduzindo-lhe a higidez utilizável em intervalos espaciotemporais frequentemente mais curtos” (Nascimento, 2013, p. 91). Isso implica reconhecer que, mesmo renováveis, os recursos hídricos estão sujeitos a pressões antrópicas capazes de comprometer sua qualidade e disponibilidade. Nesse contexto, Rebouças (2006) destaca que a gestão das águas no semiárido brasileiro exige políticas públicas que considerem a vulnerabilidade climática e a participação das comunidades locais, uma vez que a conservação dos mananciais está diretamente associada ao uso racional e à consciência ambiental da população.

Essa relação entre sociedade e natureza é também enfatizada por Santos (2006, p. 63), ao definir que “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. Assim, para o autor, compreender o espaço é entender o resultado histórico dessas interações, que se expressam nas paisagens e nos territórios.

No mesmo sentido, Santos (2006, p. 96) afirma que “o território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence”. Portanto, essa concepção aproxima-se da noção de lugar enquanto espaço vivido e carregado de significados, fundamental para pensar as práticas educativas contextualizadas.

Sobre essa dimensão vivida, Callai (2000, p. 83) destaca que “é no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo, vai se configurando o espaço, e dando feição ao lugar. Um lugar que é um espaço vivido, de experiências sempre renovadas, o que permite que se considere o passado e se vislumbre o futuro”. Desse modo, o estudo do lugar contribui

para que os sujeitos desenvolvam sentimentos de identidade e pertencimento, essenciais para uma educação que dialogue com a realidade local.

Além disso, a autora complementa que “o mundo da vida precisa entrar para dentro da escola, para que esta também seja viva, para que consiga acolher os alunos e possa dar-lhes condições de realizarem a sua formação, de desenvolver um senso crítico e ampliar as suas visões de mundo” (Callai, 2000, p. 86). Nesse contexto, a inserção do cotidiano no processo educativo permite que o ensino de Geografia se conecte com as vivências concretas dos estudantes, tornando-se mais significativo.

Essa concepção, por sua vez, converge com a pedagogia freireana, que defende uma prática educativa crítica e libertadora. Para Freire (1996, p. 24), “ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando”, reconhecendo que o aluno é sujeito ativo na construção do conhecimento. Além disso, o autor lembra que “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (Freire, 1996, p. 38), o que reforça o papel transformador do processo educativo.

Ainda segundo o autor, Freire (1996, p. 47) enfatiza que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando”. Assim, essa visão articula-se à importância da investigação sobre o lugar e o território como prática pedagógica, permitindo ao educador conhecer melhor a realidade dos alunos e, conseqüentemente, propor estratégias de ensino mais contextualizadas.

Assim, a fundamentação teórica apresentada articula a compreensão dos recursos hídricos no semiárido (Nascimento, 2013), a análise das relações entre sistemas naturais e ações humanas no espaço (Santos, 2006), a valorização do lugar e da identidade (Callai, 2000).

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, do tipo estudo de caso e foi realizada na localidade Brejo, zona rural de Floriano-PI, abrangendo um trecho do rio Itaueira que, embora intermitente, mantém pequenas nascentes mesmo no período seco. A pesquisa qualitativa fundamenta-se na interpretação dos fenômenos em seu contexto natural, considerando as percepções, experiências e significados atribuídos pelos sujeitos pesquisados. Conforme ressalta Godoy (1995, p. 62), “os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural”. Sobre o estudo de caso, este caracteriza-se por uma análise profunda e exaustiva da realidade de determinados objetos, possibilitando um amplo conhecimento sobre o objeto pesquisado (Gil, 2008). Assim, buscou-se compreender os fatores naturais e sociais que influenciam a manutenção da nascente e o uso da água pela comunidade local.

Além disso, a pesquisa é também de caráter descritivo, pois visa apresentar e interpretar detalhadamente as condições ambientais que favorecem ou comprometem a conservação das nascentes. Para tanto, a descrição foi construída a partir da observação direta em campo e da escuta de moradores locais (percepção), permitindo captar a complexidade do fenômeno no seu contexto real. Gil (2008, p. 47) ressalta que “algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação”. Nesse aspecto, o estudo também apresenta elementos explicativos, ao buscar compreender como fatores físicos e sociais se articulam na degradação ou preservação das nascentes da Caatinga.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dois moradores um de 36 anos e outro mais de 60 anos de idade que vivem na comunidade, selecionados segundo o critério de possuir entre 36 e 60 anos de vivência no local. Essas entrevistas tiveram como objetivo resgatar memórias, percepções e saberes tradicionais sobre as transformações ambientais e o uso da água ao longo do tempo. Como observa Rocha (2020, p. 202),

Um primeiro ponto é que elas apresentam uma combinação entre estrutura e flexibilidade: na medida em que seguem um tópico guia ou roteiro com os principais temas a serem abordados (estrutura), o(a) pesquisador(a) tem liberdade para voltar numa pergunta anterior, aprofundar um determinado tópico etc. (flexibilidade).

Posteriormente, os dados obtidos foram sistematizados e analisados qualitativamente, com o propósito de identificar os principais fatores responsáveis pela conservação ou degradação das nascentes. Os relatos foram interpretados à luz da literatura especializada, buscando compreender as relações entre as experiências locais e os referenciais teóricos discutidos.

Por fim, a participação dos entrevistados ocorreu de forma voluntária, sendo esclarecido que suas contribuições seriam utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos, especialmente para publicação em artigo científico, sem a exposição de suas identidades. Nesse sentido, para garantir a confidencialidade, nenhum nome foi divulgado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos resultados obtidos em campo permite compreender de forma mais ampla a dinâmica ambiental e social que envolve o rio Itaueira e a comunidade Brejo (Figura 1). A observação direta do ambiente, aliada aos relatos dos moradores, evidencia as transformações ocorridas ao longo do tempo revela como o processo de degradação hídrica tem impactado o modo de vida local.

Figura 1: Rio Itaueira, localizado na comunidade rural Brejo, na zona rural do município de Floriano-PI



Fonte: Arquivo dos autores (2025).

A Figura 1 apresenta o rio Itaueira, localizado na comunidade rural Brejo, no município de Floriano-PI, evidenciando um cenário marcado pela estiagem: leito seco, vegetação com sinais de estresse hídrico e solo compactado. Essa paisagem, à primeira vista árida e aparentemente sem vida, expressa a dinâmica natural dos rios intermitentes da Caatinga, onde a presença de água ocorre de forma temporária ao longo do ano devido às chuvas irregulares e aos longos períodos de seca.

Compreender essa realidade requer analisar as interações entre aspectos naturais e ações humanas no território. Para Santos (2006), o espaço geográfico é resultado da relação indissociável entre sistemas naturais e sistemas de ações, sendo expressão histórica das práticas sociais. Assim, o estado atual do rio Itaueira não decorre apenas de condicionantes climáticos, mas também das intervenções antrópicas que influenciam sua disponibilidade hídrica.

O rio Itaueira não é perene, mas intermitente, apresentando períodos de cheia e de estiagem ao longo do ano. Seu curso insere-se no bioma Caatinga, caracterizado por chuvas irregulares e longos períodos de seca. Por esse motivo, mesmo de forma temporária, a

presença do rio torna-se essencial para as comunidades locais, a biodiversidade e as atividades agrícolas da região.

Assim, a Figura 1 não retrata apenas uma paisagem árida, mas evidencia a realidade de um rio que enfrenta desafios crescentes, como a diminuição da vazão, a intensificação das secas e a pressão das atividades humanas. Nesse contexto, a água é um “recurso natural renovável, porém exaurível, impactada por ações socioeconômicas que lhe conferem degradabilidade, reduzindo-lhe a higidez utilizável em intervalos espaçotemporais frequentemente mais curtos” (Nascimento, 2013, p. 91). Dessa maneira, a análise reforça a relevância do rio Itaueira como fonte de vida para a comunidade Brejo.

Dessa forma, a Figura 2 evidencia os impactos diretos da seca no ecossistema: sedimentos antes submersos tornam-se expostos e a vegetação adapta-se à escassez de água, reforçando a vulnerabilidade ambiental da região.

Figura 2: Calha do rio Itaueira sem lâmina d’água, evidenciando a ausência de recursos hídricos na comunidade Brejo, Floriano (PI).



Fonte: Arquivo dos autores (2025).

Na Figura 2, observa-se que, em determinado ponto, havia uma pequena poça de água que costumava se acumular por vários dias. Entretanto, no momento em que a foto foi tirada,

já não havia água no local, restando apenas o solo seco. Além disso, a imagem mostra um terreno coberto por folhas e galhos, com árvores e vegetação rasteira ao fundo. Nota-se também que a terra se apresenta compactada, com algumas raízes expostas, indicando que havia água anteriormente, mas que, no momento do registro fotográfico, já não existia mais.

De acordo com os relatos das pessoas mais velhas, no passado o rio possuía muito mais água, mantendo fluxo contínuo durante o período chuvoso e formando várias poças nos meses de estiagem, algumas delas com mais de dois metros de profundidade. Essa água era fundamental para a sobrevivência da comunidade, sendo utilizada para beber, tomar banho e abastecer os animais, principalmente o gado bovino e caprino.

Segundo o conhecimento local, a situação atual não se deve apenas à escassez de chuvas, mas também à redução da vazão do rio, que já não apresenta a mesma dinâmica de antes. Nesse processo, muitas pessoas construíram pequenas e grandes barragens ao longo do curso do rio, dificultando o escoamento natural e impedindo que a água percorresse o leito como ocorria anteriormente.

Assim, a Figura 2 reforça a importância do conhecimento tradicional para compreender as transformações ambientais vivenciadas pela população local, valorizando as experiências cotidianas (Callai, 2000), como indicadoras das mudanças que se intensificam no semiárido.

Na Figura 3a e 3b, observa-se uma parte do solo do local onde a pesquisa foi realizada. Trata-se de um solo pedregoso e irregular com afloramento rochoso, rachaduras e pequenas plantas crescendo entre as fendas.

Figura 3a e 3b: Leito do rio Itaueira na comunidade Brejo, com solo pedregoso e fissuras causadas pelo ressecamento, evidenciando o impacto da estiagem.



Fonte: Arquivo dos autores (2025).

Além do posto anteriormente, na Figura 3, nota-se que as rochas escuras e desgastadas indicam a presença de fluxo de água em períodos anteriores. A ausência atual de água, somada à presença de vegetação rasteira adaptada a solos secos, reforça que o Itaueira é um rio intermitente, que se manifesta apenas durante a estação chuvosa. A terra, com aparência de barro ressecado, constitui uma evidência visual da estiagem. Conforme destacam Silva *et al.* (2020, p. 815):

O ressecamento do solo é um processo natural que resulta em formação de fissuras. O solo é submetido à variações sazonais no ambiente que alternam períodos secos e úmidos gerando assim o ressecamento. O solo se retrai durante os períodos secos formando assim, as fissuras que influenciam de forma negativa em suas propriedades mecânicas e hidráulicas.

Nesse sentido, as evidências de campo reforçam a relação direta entre os processos naturais de variação climática e a dinâmica do solo em ambientes semiáridos. A presença de fissuras, associada à retração provocada pela estiagem, não apenas modifica a paisagem local, mas também compromete propriedades físicas e hidráulicas essenciais, afetando a infiltração da água, a estabilidade do terreno e o desenvolvimento da vegetação (Silva *et al.*, 2020). Dessa forma, a observação em campo, aliada ao referencial teórico, evidencia como a sazonalidade climática atua como fator determinante na formação das fissuras e na transformação dos ecossistemas fluviais intermitentes.

Durante o percurso, é possível observar que se chega a um ponto em que a vida começa a se manifestar. Nesse caso, a vida a que nos referimos é a água. Mais acima, no rio Itaueira, encontram-se pequenas nascentes que permanecem ativas durante todo o ano (Figura 4). Esses recursos hídricos são utilizados pelos animais da Caatinga em tempos de estiagem, quando percorrem vários quilômetros em busca de água. Assim, não apenas a fauna silvestre depende dessas nascentes, mas também os animais domésticos criados pelo ser humano.

Figura 4: Nascente do olho d'água na comunidade Brejo, protegida por uma cerca para garantir o acesso de animais à água durante a seca.



Fonte: Arquivo dos autores (2025).

A Figura 4 mostra um olho d'água localizado na comunidade Brejo, em um ponto do rio Itaueira. Existem outros na região, mas este em particular é utilizado pelas famílias locais para fornecer água aos animais durante o período seco. Como se observa na Figura 4, foram construídas cercas ao redor da nascente, medida que evita que os animais da propriedade precisem se deslocar em busca de água em outros locais. Essa prática é recorrente durante os períodos de estiagem prolongada.

Essa proteção, entretanto, não inviabiliza o acesso de animais silvestres, já que os espaços entre os arames permitem a passagem de espécies de menor porte. Esse tipo de manejo revela como a comunidade busca conciliar a preservação do olho d'água com a manutenção da criação animal, estabelecendo uma estratégia adaptativa diante da escassez hídrica.

Essa relação entre a comunidade e o ambiente reflete o que Santos (2006) descreve como uma forma de uso solidário do espaço, na qual o território é construído a partir das práticas e necessidades cotidianas. As ações locais, como a proteção da nascente, demonstram que os sujeitos do campo não são apenas impactados pelas transformações ambientais, mas agentes ativos na produção e conservação do espaço em que vivem.

De modo semelhante, Callai (2000) destaca que compreender o lugar exige valorizar as práticas sociais e os saberes produzidos pelas populações locais, pois são essas experiências que dão sentido ao território. Assim, o manejo adotado na comunidade Brejo revela uma dimensão educativa e cultural do espaço vivido, na qual o conhecimento tradicional orienta as ações de cuidado e uso sustentável da água.

Por fim, como lembra Freire (1996), o conhecimento nasce do diálogo e da experiência. Nesse sentido, o saber acumulado pelos moradores sobre o comportamento das nascentes e os períodos de estiagem constitui um saber ambiental (Nascimento, 2013), resultado da interação contínua entre o ser humano e a natureza, mediada por práticas de observação, respeito e preservação.

Na Figura 5 evidencia-se que a água, com um aspecto turvo e esverdeado, mas que permanece mesmo durante a estiagem. Em meio a um solo ressecado e à vegetação típica da Caatinga, esse ponto se destaca como um reservatório natural que resiste às condições adversas. Sua permanência, ainda que em pequena quantidade, garante a sobrevivência de animais silvestres e rebanhos domésticos, funcionando como um refúgio hídrico essencial para a manutenção da vida no entorno.

Figura 5: Água com aspecto turvo e esverdeado em nascente do Rio Itaueira, na comunidade Brejo, evidenciando sua vulnerabilidade hídrica durante a estiagem.



Fonte: Arquivo dos autores (2025).

A água observada na Figura 5, apresenta-se em volume reduzido e com aspecto turvo e esverdeado, resultado do acúmulo de sedimentos e da ausência de renovação do fluxo. Essa condição revela a vulnerabilidade hídrica do rio Itaueira frente à irregularidade das chuvas e à intensa evaporação típica do semiárido. Tal cenário reforça a necessidade de conservar esses pontos de permanência hídrica, os quais desempenham papel fundamental no equilíbrio ecológico e na resiliência das comunidades humanas e não humanas da região. Como observa Nascimento (2013), a sustentabilidade dos ambientes semiáridos depende da capacidade das populações locais de compreender e se adaptar aos limites impostos pela natureza.

Essa fonte de água era amplamente utilizada pelas famílias da comunidade, como relatou um dos proprietários das terras. Segundo ele, anos atrás ou, como disse, “antigamente”, muitos moradores do Brejo aproveitavam os olhos d’água para a prática da vazante, considerada uma das formas mais importantes de sustento familiar. Nesse sistema agrícola tradicional, cultivavam-se alimentos diversos, com destaque para o feijão, a melancia e a abóbora. Essa relação entre o uso do espaço e a sobrevivência cotidiana reflete o que Santos (2006) descreve como a construção social do território, resultado da interação entre as condições naturais e as práticas humanas. A Figura 6, mostra que uma das práticas associadas

a esses cultivos era a construção de cercas simples, utilizadas para proteger as plantações contra a entrada de animais.

Figura 6: Morador da comunidade Brejo em cerca feita com galhos e varas, uma técnica tradicional para proteger as plantações de vazantes contra animais.



Fonte: Arquivo dos autores (2025).

As famílias que dispunham de melhores condições financeiras compravam rolos de arame e erguiam cercas mais resistentes, geralmente estruturadas com três fios na parte superior e um na parte inferior, de modo a impedir o acesso do gado. Já os demais, recorriam a materiais da própria Caatinga, utilizando ramos e galhos. O processo era artesanal: cortavam-se as varas, queimavam-se as pontas no fogo para aumentar a maleabilidade e, em seguida, montava-se a cerca coletivamente enquanto alguns empurravam os galhos, outros ajustavam a estrutura no solo. Esse trabalho coletivo expressava tanto a criatividade quanto a capacidade de adaptação da comunidade às condições socioambientais locais.

Esse esforço precisava ser refeito todos os anos, pois, com a chegada do período chuvoso, a força da água levava as estruturas. No tempo da seca, o processo era reiniciado, assegurando a prática da vazante e a produção agrícola que dela resultava. Segundo o relato de um morador, os produtos colhidos eram preparados e destinados à venda na feira da cidade de Floriano. O dinheiro obtido era utilizado, sobretudo, para a compra da “mistura” (carne ou

outros complementos) e de produtos de higiene pessoal, já que, mesmo com a criação de animais, havia necessidades que não eram supridas apenas com a produção local. Dessa forma, a prática da vazante não apenas garantia alimentos, mas também representava uma importante estratégia de complemento da economia doméstica das famílias da comunidade.

Assim, no mês de agosto de 2025, a pesquisa realizada no local evidenciou que a prática da vazante tem se tornado progressivamente menos frequente. Contudo, ainda há um morador que mantém o cultivo, mesmo diante das atuais condições do rio, caracterizadas pela acentuada escassez hídrica. A Figura 7 apresenta uma pequena melancia germinando em meio ao solo seco e arenoso, constituindo um exemplo emblemático da capacidade de resistência da natureza, que persiste em se reproduzir mesmo sob o intenso calor e a prolongada estiagem. Tal observação revela, de forma significativa, como a vida manifesta mecanismos de adaptação e continuidade, ainda que em ambientes marcados por severas limitações climáticas.

Figura 7: Melancia cultivada em solo seco do Rio Itaueira, comunidade Brejo, símbolo da resistência.



Fonte: Arquivo dos autores (2025).

A Figura 7 mostra, portanto, uma pequena melancia que resiste para se tornar fonte de alimento para o agricultor que a cultiva com dedicação. A fruta destacava-se pelo aspecto saudável em meio ao cenário árido, resultado do cuidado constante de seu cultivador. Além disso, ao longo da área de vazante também se notavam pequenos pés de feijão bem preservados, como retrata a Figura 8.

Figura 8: Pés de feijão em área de vazante, com a pequena nascente visível ao fundo, na comunidade Brejo, mostrando a importância do recurso hídrico para a produção de alimentos.



Fonte: Arquivo dos autores (2025).

Essa produção (Figura 8), só é possível porque há uma pequena nascente no meio do rio, responsável por garantir a umidade necessária para a manutenção dessas plantas. Desse modo, essas imagens reforçam a importância do rio Itaueira como fonte de vida, mesmo em períodos de escassez. A água que brota em pequenas nascentes permite não apenas o cultivo de alimentos básicos, como feijão e melancia, mas também representa esperança e sustento para as famílias que ainda dependem dessa prática. Portanto, preservar o rio significa assegurar que a natureza continue oferecendo seus frutos e que as mesas da comunidade rural Brejo permaneçam abastecidas.

Do mesmo modo, o rio Itaueira continua sendo bastante utilizado mesmo durante o período de estiagem, como pôde ser observado na Figura 9, onde um dos animais sacia sua sede em uma das nascentes que permanecem ativas ao longo da seca. Embora a água apresente aspecto turvo, os animais ainda a utilizam para se hidratar, o que evidencia sua importância para a sobrevivência da fauna local.

Figura 9: Animal saciando a sede em uma das nascentes ativas do Rio Itaueira, na comunidade Brejo, reforçando a importância do recurso para a sobrevivência da fauna local durante a seca.



Fonte: Arquivo dos autores (2025).

Um morador relatou que, em décadas passadas, o rio não chegava a secar totalmente. Em suas palavras, “a água não apartava”, permanecendo em fluxo contínuo durante todo o ano e formando grandes poços, que garantiam a disponibilidade hídrica para pessoas e animais. Nesse período, a água era limpa, “branquinha”, e abrigava muitas piabas, reforçando a vitalidade do rio e sua relevância para a comunidade.

Com o passar dos anos, entretanto, as condições do rio se alteraram de forma significativa. A diminuição das chuvas, associada à construção de barragens em suas cabeceiras, reduziu drasticamente o fluxo hídrico e provocou o desaparecimento de antigos olhos d’água, como os localizados no Mocó e no Poço da Pedra, pontos assim chamados pelos moradores da zona rural Brejo. Atualmente, muitos desses locais apresentam apenas lama ou encontram-se completamente secos, revelando os impactos das intervenções humanas e das mudanças climáticas sobre o curso do Itaueira.

Na Figura 10a e 10b observa-se a colheita realizada por um morador que ainda insiste em cultivar na região. Apesar das dificuldades impostas pela escassez de água, ele conseguiu obter como resultado uma bela melancia, cultivada graças ao uso da água proveniente do olho d’água para irrigação. Esse exemplo evidencia não apenas a capacidade de resistência da agricultura local, mas também a relevância das nascentes como suporte à produção e à manutenção da vida na Caatinga.

Figura 10a e 10b: Melancia cultivada com a água da nascente do rio Itaueira, na comunidade Brejo, símbolo da tradição agrícola e da qualidade dos alimentos produzidos na vazante.



Fonte: Arquivo dos autores (2025).

Percebe-se que se trata de uma fruta típica das vazantes, adaptada às condições adversas do semiárido. Sua coloração natural e o cultivo sem o uso de agrotóxicos evidenciam tratar-se de um alimento saudável e produzido de forma tradicional, apenas com os cuidados do próprio agricultor. O morador que nos presenteou com a melancia relatou que as pessoas que consomem esse tipo de alimento costumam apresentar boa saúde, reforçando o valor nutricional e simbólico dos produtos oriundos da agricultura local.

Segundo ele, sua mãe, consumindo frutas e hortaliças produzidas nas vazantes, viveu até os 105 anos de idade, mantendo sempre boa vitalidade. Embora não houvesse certeza de que a longevidade estivesse diretamente relacionada a essa alimentação, o morador destacou que sua mãe apreciava especialmente as melancias cultivadas na comunidade, consideradas fruto do trabalho coletivo e da tradição agrícola local.

Esse testemunho é bastante relevante, pois demonstra não apenas o valor nutricional da produção das vazantes, mas também o vínculo afetivo e cultural que os moradores mantêm com esses alimentos, transmitindo saberes e práticas de geração em geração. Como destaca Freire (1996), o conhecimento se constrói na vivência e na partilha de experiências, permitindo que os saberes tradicionais se mantenham vivos no cotidiano das comunidades.

Diante dos relatos e observações, torna-se evidente que o rio Itaueira, outrora fonte abundante de vida e sustento para a comunidade Brejo, encontra-se hoje marcado pela escassez e pela degradação. A memória dos moradores revela que o rio já foi perene em

alguns trechos, garantindo água limpa, alimento e práticas agrícolas fundamentais, como a vazante.

Atualmente, entretanto, a combinação entre mudanças climáticas, diminuição das chuvas, construção de barragens e queimadas compromete sua vitalidade. Na pesquisa realizada por Rocha e Santos (2025), na bacia hidrográfica do Rio Prata, localizada no município do Senhor do Bonfim, Bahia, que se insere numa rede de drenagem predominantemente intermitente, foi possível observar que este apresenta condições geoambientais diversas e com uma grande vulnerabilidade ambiental, o que afeta a qualidade de vida da população da local e prejudica a biodiversidade desta localidade no semiárido nordestino. Esse cenário evidencia não apenas a fragilidade dos ecossistemas da Caatinga, mas também a necessidade urgente de preservação e manejo sustentável das nascentes e olhos d'água, de modo a assegurar que o Itaueira e outros recursos hídricos continuem sendo fonte de vida, identidade e resistência para as gerações futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada evidenciou que o Rio Itaueira, e os olhos d'água, localizados na comunidade Brejo, representam um elemento vital para a manutenção da vida no semiárido piauiense. Mesmo diante da irregularidade climática e da pressão das atividades humanas, esse recurso natural garante água para animais, sustenta práticas agrícolas tradicionais e fortalece os laços de identidade entre os moradores e o território. Sua preservação é, portanto, essencial para assegurar a continuidade da biodiversidade local e a sobrevivência das famílias que ainda dependem diretamente do rio.

Além de sua relevância ambiental, o estudo mostrou que a memória social e os saberes transmitidos de geração em geração também constituem um patrimônio imaterial de grande valor. Os relatos dos moradores revelam como o rio já foi mais abundante e como sua água alimentava tanto os cultivos quanto às relações sociais e culturais da comunidade. Valorizar esses testemunhos significa reconhecer que a história do Itaueira se confunde com a história

de vida de seus habitantes, configurando-se como um bem coletivo que precisa ser respeitado e preservado.

Nesse sentido, torna-se fundamental pensar em ações conjuntas entre comunidade, poder público e instituições de ensino e pesquisa. Medidas como campanhas de educação ambiental, projetos de recuperação das áreas degradadas, manejo sustentável das vazantes, além da fiscalização contra queimadas e construções de barragens irregulares, pode contribuir para a conservação do rio. Tais iniciativas devem partir do diálogo com os moradores, reconhecendo seu protagonismo e incorporando os saberes locais às práticas de preservação.

Portanto, a experiência vivida na comunidade Brejo reforça a urgência de políticas integradas que conciliam conservação ambiental e desenvolvimento social. Preservar o Itaueira e suas nascentes é garantir que esse rio continue sendo fonte de vida, cultura e resistência no semiárido, fortalecendo não apenas o equilíbrio ecológico da Caatinga, mas também a identidade e a esperança das futuras gerações.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. **O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento**. Ijuí: Unijuí, 2000.

CAVALCANTE, Márcio Balbino; ARRUDA, Luciene Vieira de. O planejamento dos recursos hídricos na Caatinga: um olhar sobre as condições ambientais da microbacia do Rio Calabouço – PB/RN. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 9, n. 29, p. 28-38, 2009.

Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/download/15998/9018/0>. Acesso em 20 de jul. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

DIAS, Amanda Alves; AQUINO, Cláudia Maria Sabóia; SANTOS, Francílio de Amorim dos. Caracterização ambiental e análise morfométrica da Bacia Hidrográfica do Rio Itaueira, Piauí, Brasil. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 11, p. 265-276, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8386364>. Acesso em 12 de ago. 2025.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCgnnC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2025.

NASCIMENTO, Flávio Rodrigues do. Os recursos hídricos e o trópico semiárido no Brasil. **Geographia**, Niterói, v. 9, n. 1, p. 82-106, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/download/13644/8844/52994>. Acesso em 23 de jun. 2025.

REBOUÇAS, Aldo da C. **Águas doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação**. 3. ed. São Paulo: Escrituras, 2006.

ROCHA, Virgínia. Da teoria à análise: uma introdução ao uso de entrevistas individuais semiestruturadas na ciência política. **Política Hoje**, Recife, v. 29, n. 1, p. 197-214, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/politica hoje/article/view/247948>. Acesso em: 1 ago. 2025.

ROCHA, Wilson da Silva; SANTOS, Simone de Abreu. Vulnerabilidade ambiental e hídrica em bacias hidrográficas semiáridas: dinâmica, riscos e conservação. **Revista Ouricuri**, Salvador, v. 15, n. 1, p. 3-25, 2025. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/ouricuri/article/view/23256>. Acesso em 03 out. 2025.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SILVA, Isabel Mendes Pereira da *et al.* Estudo do comportamento e processo de formação de fissuras em um solo devido ao ressecamento. **Cobramseg**, [S. l.], v. 1, p. 814-821, 2020.

SIRVINKAS, Luís Paulo. **Manual de Direito Ambiental**. São Paulo: Saraiva, 2005.